



EDITORIAL

Iniciamos o ano de 2026 em meio a grandes momentos de transição, de mudanças e de perspectivas, o que impacta nos próprios modos de se conceber ciência e conhecimento. Vimos observando, ao longo dos últimos anos, um vertiginoso aumento de produtividades, de demandas por trabalho e por atividades burocráticas – no mais pleno exemplo do excesso de “positividade” a que refere Byung-Chul Han ou da “liquidez” de Bauman – e, como consequência, redefinições com respeito aos diversos modos de se compreender qualidade, competência, verdade e, mesmo, ciência.

Todo esse movimento coincide com o nascimento da nossa revista, pensada exatamente como um projeto de resistência a modelos dominantes de reflexão e pensamento que (assim acreditávamos), privilegiava muito mais as narrativas (em detrimento do conteúdo) e as apresentações gerais (em detrimento da qualidade), do que a ética de um diálogo em torno da pluralidade e dos fundamentos.

Foi com esta preocupação, e ao mesmo tempo comprometidos com o exercício de criação de um projeto novo, que alguns de nós – grupo de Editores, responsáveis por esta revista – vislumbraram, não sem certa ousadia e coragem, a criação de um periódico de cunho científico, inteiramente independente dos ditames tradicionais e, principalmente, não comprometido com o modelo dominante de avaliação de qualidade que paira sobre todos nós, acadêmicos. À época, corria o ano de 2019, os então coordenadores envolvidos com dois Grupos de Trabalho em torno da Fenomenologia – Prof. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, do GT de Fenomenologia na Anpof¹, e Prof. Adriano Holanda, coordenando o GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos na Anpepp² – decidiram encampar uma nova empreitada, que se consubstanciou no ano seguinte, em 2020, com o nascimento da *Phenomenology, Humanities and Sciences*.

Com o suporte decisivo e fundamental de Yuri Ferrete (então no apoio editorial, e atualmente Editor-Chefe da revista) e de Luís Claudio Silveira Duarte, nascia essa nova revista³. Ao longo de seus primeiros anos, mesmo marcados pela independência e não sem grandes dificuldades, os trabalhos na revista foram sendo desenvolvidos com a mesma coerência com que foram vislumbrados inicialmente, inteiramente voltados para sua qualidade, para a interlocução e o diálogo, para o respeito e abertura com a diversidade, sem perder de vista aspectos relevantes como internacionalização e avaliação criteriosa.

É envolta nesse espírito que a presente edição (n. 1, 2026) da *Phenomenology, Humanities and Sciences*, torna público mais um número primado pelo rigor e pela originalidade, ao marcar, consideravelmente, uma posição qualificada em termos de produtividade de pesquisa no contexto nacional e internacional no campo da fenomenologia e áreas afins. Sob esse prisma, motivos não faltam para se celebrar. É realmente um momento mais que especial: nossa revista comemora seu lustro editorial de fundação consolidando-se como um marco de ponta das pesquisas fenomenológicas e, nessa direção, uma referência hoje da produção humanística numa aliança entre a Filosofia e a Psicologia sem perder de vista sua vocação multidisciplinar. Ademais, não obstante, os seus poucos anos em curso, uma segunda motivação é digna também de celebração: nosso periódico acaba de receber o selo de qualidade de excelência internacional da plataforma Qualis da CAPES, alcançando o estrato máximo, A1.

Como avaliar tal conquista? De seu início até o momento, insistências e resistências permitiram que a revista adquirisse maior robustez, seja quantitativa seja qualitativamente, indo ao encontro à política de indexações que terminam por refletir o almejado fator de impacto conforme as métricas de bases de dados. Um trabalho hercúleo, fruto de muito esforço e busca de nosso atual Editor Yuri Ferrete, fez com que a revista conseguisse estar hoje presente em mais de vinte indexadores nacionais e internacionais.

A isso soma-se o caráter internacional da proposta: a PHS é publicada em vários idiomas, mas sempre incentivando a versão bilíngue, particularmente por respeitar o contexto histórico e cultural de seu país, marcado pelas adversidades no acesso ao conhecimento.

¹ Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia: <https://anpof.org.br/>

² Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia: <https://www.anpepp.org.br/site/capa>

³ Mais dessa história está registrado no primeiro Editorial da revista: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/issue/view/1/27>



Como todo editor bem sabe, frente à precária situação dos suportes institucionais e à ausência de fomento, o trabalho termina por assumir um esforço consideravelmente digno de nota⁴. Quer dizer, em face das inúmeras tarefas concernentes a um projeto editorial desse vulto, começou-se a construir toda uma rede de apoio envolvendo pesquisadores nacionais e internacionais evitando, na medida do possível, a sua sobrecarga descomunal.

É assim em meio a todo esse trabalho construído a tantas mãos, com muita dedicação, que a PHS se firma, portanto, como espaço editorial fenomenologicamente encampado. Vale ressaltar, sob tal aspecto, a importância estratégica dos *Congressos Internacionais de Fenomenologia e Psicologia que justo, neste ano*, terá sua quinta edição no mês de julho⁵. Tal evento se tornou o solo fértil para a construção de uma reflexividade e desenvolvimento de um extenso grupo de colaboradores, marcando o cenário brasileiro, e se tornando o verdadeiro húmus para a criação e solidificação da revista.

Os Congressos puderam aclimatar, desde então, uma cultura sólida de intercâmbio congregando expressivo número de pesquisadores, de diferentes níveis de formação e atuação, que têm contribuído substancialmente com seus estudos. É assim também que as palestras, conferências e debates em mesas redondas terminam por subsidiar artigos, resenhas e traduções, por exemplo; material esse cujo registro acaba se incorporando à revista. A PHS, a exemplo de tantos outros periódicos, tem promovido dossiês temáticos: trata-se, nessa perspectiva, de fomentar e preservar significativas investigações voltadas seja para a obra de um autor mais diretamente afeto à tradição fenomenológica, seja a um interesse temático mais imediato. Nesse sentido, a revista acompanha tal tendência já embebida na fonte dos clássicos, e consolidada em tantas estratégias editoriais.

Com isso, ao celebrar não só cinco anos de existência, como o mais novo fruto maduro no celeiro das produções acadêmicas de cariz fenomenológico e multidisciplinar; mas, com imensa alegria e satisfação, seu salto avaliativo no estrato A1 do Qualis/CAPES, a PHS convida cada leitor(a), cada autor(a) a tomar parte dessa festividade. São vocês os artífices também desse empreendimento, sem os quais jamais se atingiria um patamar tão elevado.

Apresentamos, pois, inicialmente, nesse número, três importantes reflexões filosóficas, principiando com a prestigiosa colaboração do Prof. Pedro M. S. Alves (Universidade de Lisboa, Portugal), com o texto intitulado “A Fenomenologia Genética de Husserl em seus Contextos Histórico e Sistemático”, no qual o autor destaca que a fenomenologia genética husserliana não é uma simples extensão e aprofundamento da sua formulação estática, mas uma autotransformação de áreas que tinham sido expressamente excluídas para que a Fenomenologia inicial pudesse delimitar.

Na sequência, em “O Amor e a Dor da Intimidade”, Daniel Rodrigues Ramos (Universidade Federal do Tocantins, Palmas) exercita um esclarecimento sobre o amor a partir de uma questão fundamental do pensamento tardio de Heidegger, o *Ereignis*. O artigo “A Teoria do Corpo Subjetivo em Movimento na Filosofia de Michel Henry”, de autoria de Silvestre Grzybowski (Universidade Federal de Santa Maria, UFSM), busca apresentar, a partir da experiência interna transcendental, a questão da subjetividade em Henry.

No entrelaçamento dos estudos de Fenomenologia e Psicologia, Eduardo Luis Cormanich (Universidade Federal de Roraima, UFRR) & Gustavo Arja Castañon (Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF) trazem, no texto “A Emergência da Psicologia e o Surgimento da Fenomenologia: Relações Histórico-Institucionais e Tensões Epistemológicas”, uma análise das relações históricas, epistemológicas e institucionais entre a emergência da Psicologia como disciplina científica autônoma e o surgimento da Fenomenologia, sobretudo a partir da obra inicial de Edmund Husserl.

O artigo na sequência, “O relato de experiência do PEQUI na atenção às primeiras crises do tipo psicóticas”, traz o relato de uma proposição inédita e inovadora no cuidado à Saúde Mental. O trabalho, que vem assinado por uma equipe diversificada, tem sua coordenadora Mariana Cardoso Puchivailo (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo/Faculdades Pequeno Príncipe, Curitiba, Brasil), como primeira autora, seguida por Nathalia Thereza Thomaz (Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, Paraná, Brasil), Rafaella Schmidt Vilas Boas (FAE Centro Universitário, Curitiba, Brasil), Cassandra Medeiros Siqueira (Secretaria de Estado da Saúde do Paraná, Brasil), Brenda Santos Vieira (Universidade Federal do Paraná/Defensoria Pública do Estado do Paraná, Brasil) & Rodrigo Luiz Turra (Universidade Federal do Paraná, Brasil).

Ainda no contexto dos estudos em psicopatologia fenomenológica, um de seus promotores vem a ser lembrado, na pesquisa “Minkowski no Contexto Acadêmico Brasileiro de Pós-Graduação: Análise de uma Amostra de Teses e Dissertações”, de Letícia Joana Jardim (Universidade Federal do Paraná/UniCuritiba) &

⁴ Não podemos deixar de destacar que o projeto aqui realizado somente se tornou possível graças à dedicação e ao “amor à arte” daqueles que se desdobraaram como editores ao longo desses anos, sem esquecer a colaboração inestimável de todos aqueles que se dedicaram como pareceristas; bem como ao apoio de todo um grupo que construiu o LabFeno (Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade, na Universidade Federal do Paraná), e que – juntos – criaram outro projeto, hoje consubstanciado na Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno), que é responsável por dar suporte logístico e financeiro à revista (www.apfeno.com.br).

⁵ V Congresso Internacional de Fenomenologia & Psicologia e VII Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia: https://www.event3.com.br/vcifp-671592?even3_orig=events_eventlist



Adriano Furtado Holanda (Universidade Federal do Paraná, Curitiba).

Posteriormente, quatro textos de cunho psicológico formam o conjunto desse número, a começar com o artigo de Paulo Coelho Castelo Branco (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza), Danilo de Oliveira Sales (Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista), Letícia Silva de Souza (Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista) & Flávia Alves do Rosário (Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista), intitulado “Análise do Pensamento de Carl Rogers sobre o Processo Terapêutico: Pesquisa Conceitual”. Em seguida, Daniela M. Modesto (Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais) & Elizabeth B. V. Brisola (Yale University, New Haven, Estados Unidos), no artigo ““Por essa não esperava!”: A Experiência de Cuidar de um Familiar em Cuidados Paliativos”, buscam a compreensão da experiência de cuidadores, sob o modelo metodológico da investigação heurística de Moustakas.

Albert Camus, e sua clássica ideia sobre o Sísifo aparecem num debate com o suicídio no artigo assinado por Marcelo da Silva Fabres (Universidade Federal de Pelotas) & Danielle Trindade Madono Pires (Universidade Católica de Pelotas), intitulado “O Mito de Sísifo e a Psicologia do Suicídio: Uma Abordagem Integrativa”. Por fim, Renato Faria da Gama (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé), Camila Castelo Branco Pupe (Universidade Federal Fluminense), Leonardo Maciel Moreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé) & Crisóstomo Lima do Nascimento (Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes) discutem a neurofobia, frequentemente reduzida a uma dificuldade cognitiva frente às neurociências, reinterpretada com base na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, no artigo intitulado “A Experiência Estética do Ensino como Superação da Neurofobia: Uma Hermenêutica da Facticidade na Educação Médica”.

Esse número traz ainda, em texto clássico, a tradução de importante entrevista de Carl Rogers sobre o uso do Self em psicoterapia.

Brindemos, pois, e tenhamos todos, ótimas reflexões!

Yuri Ferrete
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
Adriano Furtado Holanda
(Editores)

Número finalizado em 18.03.2026